

Eça de Queirós no Brasil em dois momentos

Doutoranda Cristiane Navarrete Tolomei¹ (USP)

RESUMO: A presente comunicação tem em vista analisar dois momentos da crítica brasileira sobre Eça de Queirós (1845-1900). O primeiro momento com a publicação de *Eça de Queirós e o século XIX*, de Vianna Moog; e o segundo momento com a publicação de *Eça e o Brasil*, de Arnaldo Faro. Tendo em vista que a primeira publicação é da primeira metade do século XX (1938) e a segunda do final da década de 1970 (1977). Nosso objetivo é verificar de que forma um e outro exploram relações do Brasil com Eça, a imagem que projetam do escritor e a perspectiva crítica em que se colocam, considerando-se os diferentes momentos de publicação das duas obras em exame.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Crítica literária brasileira; Vianna Moog; Arnaldo Faro.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar a leitura crítica de dois estudiosos representativos de Eça de Queirós no Brasil em dois momentos diferentes: o primeiro, Vianna Moog (1906-1988), que publicou em 1938 o seu livro *Eça de Queirós e o século XIX*; e o segundo, Arnaldo Faro (?-), que publicou em 1977 o seu livro *Eça e o Brasil*. Optou-se por estes dois críticos pelo fato de apresentarem uma diferença temporal da publicação de seus livros críticos e também por estarem situados em correntes críticas diferentes, no caso a primeira crítica se insere nos estudos que se debruçam sobre a biografia de Eça; e a segunda crítica nos estudos que valorizam Eça do ponto de vista da sua relação com o Brasil, isto é, nos estudos relacionados à recepção brasileira do escritor.

Eça no Brasil foi e ainda é objeto de um conjunto diversificado e amplo de estudos críticos (livros, artigos, ensaios e teses) que representa o apreço pelo escritor português o que reafirma o relacionamento entre Brasil e Portugal. Segundo Tânia Franco Carvalho:

[...] o certo é que o interesse por Eça, com maior ou menor intensidade, tem-se mantido vivo no Brasil e alcança sempre fiéis leitores em várias gerações, não se restringindo apenas ao círculo acadêmico nem aos artigos de jornais. Para além das ligações de ordem puramente intelectual, a formação de clubes e de sociedades dos amigos de Eça, e a permanência do escritor nas listas dos autores mais lidos até hoje, prova a criação de laços afetivos entre Eça e o seu público brasileiro, que são uma das características mais interessantes das relações culturais entre os dois países. (2000, s.p.)

Ao longo do século XX a vida e a obra de Eça de Queirós foram consideradas de maneiras diversas. A crítica literária brasileira realizou leituras várias, desde uma visão específica e curiosa, como por exemplo, na análise da culinária e das bebidas na obra de Eça, até uma visão ampla e comparatista entre Eça e Machado, Eça e Alencar, Eça e o Brasil. Desse modo, é importante citar o discurso de Antônio Ferro no círculo de Eça de Queirós em

¹ **Cristiane Navarrete TOLOMEI, Eça de Queirós no Brasil em dois momentos**
(Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas)
cntolomei@yahoo.com.br

1946 em comemoração ao centenário de nascimento do escritor, no qual revela esse caráter imortal de Eça:

Ora, o que importa na obra do escritor, cem anos depois do seu nascimento, por muito vivo que se conserve, não são propriamente os textos dos seus livros, mas a figura ou a lição que se desprenderam desses textos, o tipo que ficou desenhado na imaginação dos seus contemporâneos e dos seus vindouros, o essencial do seu perfil e do seu espírito. É o próprio Eça de Queiroz quem o diz no seu famoso elogio de Vitor Hugo: “Uma coisa fica dos grandes gênios: o contorno literário de sua personalidade. É como um retrato moral que se fixa na imaginação e que se vai reproduzindo através dos longos tempos. Assim temos Dante nas suas longas vestes fúnebres, lívido e sinistro e contemplado nas ruas com terror como aquele que voltou do Inferno. E essa imagem material torna o homem de génio tanto mais amado quanto ela mais simboliza a atitude moral que o seu espírito tomara no serviço da Humanidade”. (1949, p. 14)

A seguir, Eça em dois momentos no Brasil.

1 Vianna Moog: a construção da personagem Eça

É essencial recordar que no início do século XX a crítica literária brasileira seguia uma linha historiográfica que veio sendo traçada por críticos como Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior. Observa-se, nos primeiros textos de Vianna Moog, o acompanhamento desta abordagem predominantemente histórica, em que se verifica a procura dos valores da tradição e da história.

Wilson Martins, em *A crítica literária no Brasil* (1983), confirma a presença dos textos de Vianna Moog na linhagem histórica, mas também aponta a presença da linhagem impressionista. Esta última, despontada na França no fim do século XIX e princípio do século XX, restringia-se à notação das impressões que a obra instigava em seu leitor.

De um modo geral, a crítica literária brasileira, a partir de 1930, foi uma das mais produtivas, em consequência da industrialização que possibilitou a abertura de novos pensamentos tanto filosóficos quanto artísticos, corroborando, ao mesmo tempo, para o aumento de nossa consciência crítica. Dessa forma, por meio da imprensa e do livro, foram moldados conceitos e métodos, partindo da historiografia literária, da crítica valorativa e do ensino das letras no Brasil, como lembra um dos mais eminentes queirosianos, Ernesto Guerra da Cal.

Assim, nessa época, o saber literário estava em harmonia com o saber da história literária e conhecer um escritor era, conseqüentemente, saber em detalhes sua biografia. Esse foi o trajeto percorrido por Moog, em seu livro *Eça de Queirós e o Século XIX*, uma obra que surgiu com o objetivo de apresentar o “verdadeiro” Eça de Queirós. A preocupação sobre o verídico era tanta que Moog esclareceu no “Prefácio” do seu livro que a tentativa de seguir os passos reais do autor possibilitou a ele apresentar fotografias que tivessem um valor histórico e de verdade sobre os seus argumentos.

Neste livro vali-me com extrema moderação de todas essas concessões. Entretanto, o que nele vai referido, é rigorosamente histórico. Fiz o possível por que Eça surgisse aqui tal como existiu: exuberante de vida e de espírito. Contudo, para o caso de não o ter conseguido, anexei prudentemente uma boa cópia de fotografias. Talvez sejam a parte mais consistente do meu trabalho. De qualquer forma, isto agrada o leitor, aproveita ao editor e a mim não me prejudica [...] (1938, p. 7)

Vianna Moog estava preocupado com a veracidade de seu texto, construiu um Eça totalmente inserido em seu tempo e voltado aos movimentos ideológicos do final do século XIX. Pretendia, com isso, demonstrar que o homem da segunda metade do século XIX permanecia atual em pleno século XX, fazendo predominar suas características “contemporâneas”.

Mas ao contrário disso, Moog construiu um Eça romanceado, ou seja, a figura do escritor foi construída pelo mesmo processo que se constrói uma personagem literária:

No ano de 1861, tudo se passou como nos anos anteriores. Com uma pequena diferença: entre os recém-chegados encontra-se um jovem de dezesseis anos. Magro, franzino, encolhido, ligeiramente curvado, denota, pela palidez, não gozar de uma saúde perfeita. Sua aparência é de pessoa nervosa e impressionável. “Parece uma alma que se achou desde criança hostilizada e que se refugiou em si mesma, como estas flores que fecham o cálice quando são tocadas”. Chama-se José Maria Eça de Queiroz. (1938, p. 23-24)

Verificou-se que o crítico lançou mão de uma abordagem biográfica embasada nos textos ficcionais de Eça, o que nos remete à questão: Eça fez autobiografia? Como é sabido, em nenhum momento, ele deixou transparecer essa aproximação entre a sua vida e as vidas de suas personagens. Neste aspecto Moog foi equivocado ao utilizar-se do ficcional para resgatar o real, porém, apesar disso, não afetou o talento e a ação pioneira empreendida num período em que se iniciava um gradativo movimento crítico.

Na crítica queirosiana de Moog depreendem-se dois pontos principais: um primeiro em que o crítico faz seu estudo por um viés ficcional, destacando-se do caráter documental da biografia de Eça; e, um segundo, em que ele iniciou um processo de reflexão ideológica da literatura e da obra queirosiana.

Sucedee, todavia, que contra o nosso desejo de cuidar decididamente dos fatos do presente e do novo mundo que se está plasmando, militam os espíritos do passado, como os fantasmas dos dramas ibsenianos. Vivem dentro de nós e nos tomam quase todo o tempo a discutir conosco problemas que não nos deviam dizer mais respeito. Resistem sobranceiros a todas as investidas, como se os anos nada tivessem podido contra sua atualidade e sedução. Para nos libertarmos deles só há um caminho a seguir: escrever-lhes a biografia. Por este processo conseguimos uma dupla vantagem: liquidamos o fantasma e empreendemos esta coisa egoística, mas deliciosa, que é a fuga no tempo. Que prazer mergulhar no passado e ver aos poucos surgir uma vida, dentro de sua época, com as suas inquietações, as suas esperanças, os seus triunfos, malogros e decepções! (1938, p. 5-6)

Vianna Moog, por sua iniciativa e visão interpretativa dos fatos da vida de Eça renovou, em 1938, o método crítico utilizado por seus antecessores, portanto é indiscutível a importância de Moog que deve ser considerado um dos principais precursores da crítica literária brasileira sobre o escritor português.

2 Arnaldo Faro: Eça no Brasil

Na crítica literária da segunda metade do século XX, devido à multiplicação dos cursos superiores de Letras, a reflexão sobre o conhecimento literário passou a se distanciar do modelo então vigente. O centro da crítica literária não mais seria a história da literatura e a biografia dos autores e sim a compreensão do texto literário e o seu valor frente aos leitores.

Na década de 70, Arnaldo Faro publicou *Eça e o Brasil*, texto que se encaixa dentro de uma tradição historiográfica por apresentar a presença de Eça no Brasil, mantendo, dessa forma, uma tradição da linhagem histórica, porém inovando ao reformular o método que seguiam os críticos, principalmente na primeira metade do século XX, quando trouxe para a sua leitura crítica novos dados a respeito de Eça e sua recepção em terras brasileiras.

Faro não abandonou o seu caráter “brasileiro e carioca”, norteando o tema central de seu estudo na ligação entre Eça e o Brasil, especialmente no Rio de Janeiro. De acordo com ele

a admiração não desapareceu com o tempo. O leitor de alguns livros se tornou leitor de toda obra. Passou a colecionador não só do que Eça escreveu, como do que se escreveu sobre ele. Ao correr da leitura, anotações se foram acumulando. E, como o leitor é brasileiro e carioca, as notas se encontraram, de preferência, orientando quanto às ligações da vida e da obra de Eça com o Brasil e o Rio de Janeiro. (1977, s.p.)

Seguindo pelo viés da cultura brasileira, Arnaldo Faro invocou o Rio antigo para iniciar sua leitura sobre Eça. Ele retomou a origem do escritor afirmando que a influência do Brasil em Eça já está presente no próprio âmbito familiar.

Desde os primeiros momentos da vida de Eça de Queirós, o Brasil está presente. A mulher que o recolhe, logo que nasce, que o leva à pia batismal, que lhe serve de madrinha e de ama, em cuja casa ele vive durante algum tempo, é uma brasileira: – Ana Joaquina Leal de Barros. Aquela presença fora mesmo anterior, pois também o pai de Eça de Queirós nasceu no Brasil e aqui o avô exerceu a magistratura. (1977, p. 1)

Arnaldo Faro realizou uma breve apresentação biográfica de Eça até atingir o momento da recepção de *As Farpas* em Pernambuco, fato muito polêmico na época de sua publicação e em que Arnaldo Faro não concordou com muitos críticos com a afirmação de que Eça teria satirizado o brasileiro nativo e não o português de “torna-viagem”, conhecido como “o brasileiro” n’*As Farpas*. Como ele afirma, em seu livro, Eça

teria zombado cruelmente do imperador; teria dito, dos brasileiros do Brasil (e não dos “brasileiros”, isto é, portugueses que voltavam a Portugal depois de enriquecidos no Brasil) entre outras coisas menos lisonjeiras, que eram geralmente maridos enganados; mais tarde, ao publicar esse artigo em volume, o teria deliberadamente alterado, de modo a lhe modificar o alvo, que passou a ser o “brasileiro”, isto é, o português “torna-viagem”; teria sido Eça, por fim, e não Ramalho, o autor da “Carta ao presidente da Província de Pernambuco”, carta de tom inegavelmente áspero, aparecida no fascículo de julho-agosto, 1872, de *As Farpas*, e que Eça teria deixado, intencionalmente, de incluir em *Uma campanha alegre*. (1977, p.66)

Em seguida, Arnaldo Faro parte para o relato sobre a publicação da primeira versão de *O Crime do Padre Amaro* (1876) na imprensa periódica de São Paulo, especificamente na revista *A República das Letras*, especializada em assuntos literários e artísticos. A publicação do texto de Eça, infelizmente, foi interrompida logo no início da transcrição do segundo capítulo de *O Crime do Padre Amaro*².

Depois, ele iniciou um percurso maior e centralizado sobre a publicação de *O Primo Basílio* (1878) no Rio de Janeiro, especificamente na Rua do Ouvidor. Arnaldo Faro fez um panorama histórico da cidade carioca, exibindo dados estatísticos, personalidades históricas e artísticas e acontecimentos da época para ilustrar o cenário de recepção da obra do escritor português. Na chegada ao Brasil, *O Primo Basílio* não passou despercebido e a repercussão foi imensa:

Celebrado por uns, até o delírio, como superobra-prima; repellido, por outros, como o máximo de abjeção; alvo de polêmica; motivo de pancada; objeto de edição clandestina –, só faltava, para completar a consagração do *Primo Basílio*, que ele fosse levado ao palco. Mas também isso aconteceu, e aconteceu em duas peças, ainda em 1878 e ainda no Rio de Janeiro. (1977, p. 145)

A partir desse momento, repleto de contrafações aos textos de Eça, Arnaldo Faro apresentou a corrida dos editores para conquistar o público brasileiro e iniciou-se um empreendedor movimento de publicação das obras do escritor português devido, exatamente, a toda polêmica causada na recepção de Eça no Brasil: “Assim, portanto, em 1878, quando o êxito do *Primo Basílio* firma de modo definitivo a reputação literária do seu autor, este podia ser lido muito mais facilmente no Brasil do que em Portugal.” (1977, p. 186).

O estudo de Arnaldo Faro, portanto, percorreu a receptividade de Eça no Brasil e constatou um verdadeiro culto ao escritor português. Observa-se que a imagem do escritor teve força expressiva e seus textos repercutiram positivamente tanto para os leitores em geral quanto para a crítica literária. Ele conseguiu apresentar ao seu leitor um Eça orgulhosamente “brasileiro”, colocando-o como patrimônio do Brasil.

² “Eça de Queirós aparece na fase inicial, no n.º3, ou seja, no de 22 de abril de 1876. Nele, sem qualquer palavra de introdução, se principiou a publicar *O crime do Padre Amaro*, segunda a versão divulgada pela *Revista Ocidental*. O romance continuou nos n.ºs 4 e 5. Não prosseguiu, porém, na 2.ª fase, o que é compreensível, face ao lapso de tempo decorrido. Também não prosseguiu a *Flor de couve*. O trecho do *Padre Amaro* publicado naqueles três números foi bastante curto. Dos 22 capítulos de que então se compunha o romance, apenas houve a transcrição do primeiro e de quase todo o segundo”. (1977, p. 105)

A crítica literária brasileira sobre Eça durante o século XX consagrou a figura do autor português no Brasil como é possível observar com a citação de Cassiano Nunes:

No Brasil, sofríamos, no fim do século XIX, este complexo de inferioridade: a inexistência de um grande escritor que conseguisse entusiasmar o público e, de igual modo, resistir a um confronto com os maiores escritores da época, de outras literaturas. Apareceu, então, Eça de Queiroz, alma ensolarada, meridional, crítico de Costumes, criador de tipos, trazendo nas mãos jovens o facho das Idéias Novas e usando o idioma com um senso estético até àquela época ignorado. Eça de Queiroz ficou sendo logo para os brasileiros um patrimônio comum, como patrimônio comum é o idioma português³.

É sabido que muitas leituras críticas sobre a vida e a obra de Eça foram superficiais, o que não apaga o brilho de muitos outros textos críticos como os aqui apresentados.

Vislumbram-se, na recepção crítica de Eça, muitas contradições, mas essas contradições foram se dissipando com o passar das décadas devido ao desenvolvimento da teoria crítica no Brasil. Segundo Frederico Perry Vidal:

O estímulo ao culto do mito ecista no Brasil parte naturalmente de universidades, institutos de pesquisa, academias, centros de estudos, gabinetes de leitura, liceus literários, casas de cultura, editoras, fundações culturais, companhias de teatro, jornais, revistas literárias que dedicam à efeméride edições comemorativas [...]

Daí a iniciativa espontânea de escritores, filólogos, dramaturgos, historiadores da literatura, pensadores, críticos, poetas e ensaístas; de escultores, de pintores e doutros artistas plásticos, sem menosprezar o reino poderoso de criatividade vibrante da caricatura, da *charge* e também dessoutro, singularmente sugestivo, do cinema e da televisão... a todos os imprevisíveis domínios da arte, que a imaginação tem o direito de atingir. (1995, p. 11)

Em dois momentos foi possível mostrar a presença marcante de Eça de Queirós na crítica literária brasileira que, por sinal, tende a aumentar ainda mais. Eça está mais vivo do que nunca.

³ Trecho do ensaio premiado pela Associação Brasileira de Escritores, seção de São Paulo, por ocasião do centenário de nascimento do escritor em 1945.

Referências Bibliográficas

- [1] CANDIDO, Antonio. Eça de Queirós, passado e presente. In ABDALA, Jr., Benjamin (org.). *Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000, p. 11-22.
- [2] CARVALHAL, Tânia Franco. Eça de Queirós e o Brasil: Leituras da crítica brasileira. *Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas*. n. 9-10, abr./set. 2000. s.p.
- [3] FARO, Arnaldo da Costa. *Eça e o Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, EDUSP, 1977.
- [4] FERRO, António. *Eça de Queiroz e o centenário do seu nascimento*. Lisboa: Edições SNI, 1949.
- [5] GUERRA DA CAL, Ernesto. *Língua e estilo de Eça de Queiroz*. 8.ed. São Paulo: EDUSP/ Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- [6] MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 1 e 2.
- [7] MOOG, C. Vianna. *Eça de Queirós e o século XIX*. Porto Alegre: Ed. da Liv. do Globo, 1938.
- [8] VIDAL, Frederico Perry. *Os enigmas n Os Maias de Eça de Queiroz*. São Paulo: Seara Nova Editores, 1995.